

RESENHA: PEDAGOGIA SOCIALISTA LEGADO DA REVOLUÇÃO DE 1917 E DESAFIOS ATUAIS

Review: Socialist Pedagogy - Legacy of the Revolution of 1917 and current challenges

SILVA, Leandro Luciano da¹

MARTINS, Maria de Fátima Almeida²

O ano de 2017 foi marcante para aqueles que se dedicam a (re)pensar a educação brasileira, especialmente o mês de outubro, que se distinguiu pelo centenário da Revolução Russa de 1917, tema central de manifestações e eventos por todo o país.

Dos eventos realizados em 2017, um se destaca, não apenas pela riqueza dos debates que permearam o evento, mas, sobretudo, pela contribuição teórica que se materializou na coleção de textos que compõem o livro *Pedagogia Socialista – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais*, sob a organização de Roseli Salete Caldart e Rafael Litvin Villas Bôas.

O livro, publicado em outubro de 2017, é resultado do *Seminário Construção Histórica da Pedagogia Socialista: Legado da Revolução Russa de 1917 e Desafios Atuais*. O evento foi realizado de 24 a 27 de maio de 2017, na sede da Escola Nacional Florestam Fernandes, em Guararema, São Paulo, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e pela Escola Nacional Florestam Fernandes, em parceria com a Articulação dos Professores de Instituições de Educação superior com o MST e com a Editora Expressão Popular.

Além da apresentação assinada pelos organizadores, o livro é composto por 13 textos, e, ao final, o leitor encontra uma síntese dos debates do Seminário.

Não obstante a diversidade de conteúdos, é possível que a leitura seja realizada a partir de uma classificação. Apesar de o livro não apresentar os textos em grupos ou capítulos temáticos, sua leitura pode ser feita sob várias perspectivas: a histórico-crítica; a da Questão Agrária - especialmente o papel do campesinato e a educação no âmbito do MST; a cultural e tecnológica; e a pedagógica, que - esclareça-se - permeia, em certa medida, todos os textos do livro.

Sob a perspectiva histórico-crítica, o texto de Valter Pomar, intitulado A Revolução, cem anos depois, não consiste apenas em uma atualização dos temas inerentes à Revolução; é mais que isso, o autor apresenta ao leitor as preliminares daquilo que, mais tarde, tornar-se-ia “uma ‘ponte’ entre a luta anticapitalista do ‘Ocidente’ e a luta anti-imperialista do ‘Oriente’.” (POMAR, 2017, p.25). Valter Pomar, de forma didática,

¹ Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros (FIPMoc). E-mail: <leandrolucianodasilva@gmail.com>.

² Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). E-mail: <falmartins.ufmg@gmail.com>.

evidencia que a Revolução Russa na verdade, não começa nem termina em 1917, mas que

[...] se considerarmos a revolução como um processo de transformação mais profundo, econômico e social, então devemos considerar que a Revolução Russa teve sua origem na 'Emancipação dos Servos' de 1861 e se concluiu na coletivização forçada e na industrialização acelerada dos anos 1930. (POMAR, 2017, p. 24)

Distante de uma ingênua construção saudosista sobre Revolução, Valter Pomar imprime em seu trabalho, o grau de criticidade que se espera de um texto no âmbito da educação. O autor evidencia pontos de estrangulamentos da Revolução e, de forma clara e objetiva, pontua seu resultado mais positivo e que pode ser classificado como seu resultado mediato.

A história não é linear. A vitória da Revolução de Outubro não resultou numa acumulação de vitórias. Pelo contrário, Outubro ocorreu nos marcos de uma derrota imensa, na beira do abismo. [...] Às vezes derrotas parciais levam a derrotas ainda maiores. Mas derrotas profundas também podem servir de antessala para saltos qualitativos e vitórias surpreendentes. [...] A classe trabalhadora russa era minúscula. Sua proporção no conjunto da população era muitas vezes menor do que, por exemplo, no Brasil. Mesmo assim, o proletário russo conseguiu fazer várias vezes o que parecia impossível. (POMAR, 2017, p.38)

Ainda sob uma perspectiva mais histórica do que pedagógica, integra o livro o texto assinado por Diego Moschkovich, *Pensamento sobre as raízes da cultura revolucionária soviética*, que pode ser considerado como um texto que completa a odisseia da revolução.

Moschkovich destaca o caráter extraterritorial da Revolução Russa e a ela, atribui a expressão que, na opinião dele, melhor representaria o fenômeno: uma Revolução Soviética.

A partir dessa posição, o autor situa o leitor na trajetória daqueles que teriam deflagrado a revolução: os soviets.³ Em poucas páginas, ele revela o papel dos soviets na revolução, desde sua primeira aparição/organização, em 1905, até sua consagração, em 1917.

O soviets, esse organismo que, claro, sob a direção do partido bolchevique e de Lenin, consegue construir um poder paralelo, tem um programa e consegue se organizar militarmente para tomar o poder das mãos da burguesia e da aristocracia e construir uma república cuja organização se baseia na existência dos próprios soviets como instrumentos de poder. (MOSCHKOVICH, 2017, p. 91)

E esse é o tom do texto de Moschkovich - ressaltando passagens da revolução pouco observadas por pesquisadores brasileiros, como o levante dezembrista de 1825, e destacando o que poucos textos sobre a revolução enfatizam, ou seja, o movimento social dos soviets e seus resultados, tanto sob o aspecto cultural quanto revolucionário propriamente dito.

Além da perspectiva histórico-crítica dos textos já citados, o campesinato está presente na coletânea, em especial no texto de Horacio Martins de Carvalho,⁴ *A questão agrária e o campesinato na Revolução Russa de 1917*.

³ Os soviets ganham destaque também no texto de Rafael Litvin Villas Bôas, "Cultura Política dos Conselhos Soviéticos: Legado da Revolução Russa em Solo Brasileiro e Desafios do Momento Atual", p.287-308.

⁴ Quanto ao campesinato, em especial no contexto em que se insere, o da revolução, serve de auxílio para a compreensão da temática, a coletânea de textos sob a organização de Horacio Martins de Carvalho "Chayanov e o Campesinato", publicado em setembro de 2014, pela Expressão Popular.

Para chegar ao tema central do texto, Carvalho cuida de imergir em período que antecede a revolução, apresentando ao leitor a situação agrária da Rússia de 1649, os episódios de distribuição de terras, a situação do campesinato russo, e traça pontos de convergência no caso do campo brasileiro.

Desde sempre os camponeses foram considerados como 'subalternos'. Seja durante o feudalismo como servos da gleba, seja na atualidade, na formação econômica social presente no Brasil – onde, os mais diferentes níveis de desenvolvimento das forças produtivas sob a hegemonia e dominação do modo de produção capitalista, os camponeses, mesmo com acesso à terra, ainda têm sido considerados como povos sem destino. (CARVALHO, 2017, p.50-51)

As afirmações de Carvalho encontram respaldo em autores como Caio Prado Júnior⁵, Alberto Passos Guimarães,⁶ José de Souza Martins,⁷ entre outros que se dedicaram e se dedicam ao estudo da Questão Agrária Brasileira.

Ainda sobre o campesinato, outro texto do livro que está relacionado à temática é o de Adalberto Floriano Greco Martins, *Agricultura camponesa e agroecologia na construção do modo de produção socialista*.

O texto de Martins agrada pela proposta, não só porque questiona – assim como outros textos de reflexão sobre a questão agrária – o futuro, ou melhor, o presságio anunciado para o campo, em especial no que se refere à proletarização; como também porque, além de compreender o campesinato como elemento de resistência a seu destino anunciado, acrescenta um tema que muito tem sido debatido nas escolas do MST, nas escolas do campo e nas Escolas Famílias Agrícolas – EFA's, ou seja, a produção na perspectiva agroecológica, que, para o autor:

Mais do que um conjunto de conhecimentos úteis aplicados à agricultura, é um conjunto de práticas sociais que englobam as relações dos seres humanos com a natureza e as relações socioeconômicas. São práticas que geram construção de conhecimentos que permitem apreender, pela razão, os ciclos/legalidades da natureza e as relações sociais de produção. (MARTINS, 2017, p.189)

Destarte, ancorado na práxis do MST e da agroecologia, o autor revela elementos para um novo modelo societário (MARTINS, 2017, p.186), de resistência ativa (MARTINS, 2017, p.190), pautado na proposta da Reforma Agrária Popular e superando as distorções que se materializam no campo com a expansão do capital e do agronegócio.

Ainda sobre a temática da Questão Agrária, Kelli Cristine de Oliveira Mafort aborda a questão de gênero no âmbito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O texto *A construção de novas relações sociais de gênero no MST e a luta pela emancipação humana*, retoma temática que é brevemente tratada por Adalberto Floriano Greco Martins (p.186). Engana-se quem, pela leitura do título, acredita que o tema do artigo é exclusivamente, a questão de gênero no MST; o debate apresentado pela autora é mais amplo. O conteúdo discute a questão da família nuclear e do patriarcado e as repercussões desses modelos para a segregação feminina. Seja na reclusão no papel de esposa, sob o auspício da família nuclear, seja na não valorização do trabalho privado da mulher no patriarcado, em que, segundo a autora, “[...] o trabalho

⁵ PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo - Colônia. **Publifolha**. São Paulo: Brasiliense, [1942]. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro) 2000.

⁶ GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quatro Séculos de Latifúndio**. São Paulo: Fulgor, 1964.

⁷ MARTINS, José de Souza. [1978]. **O Cativo da Terra**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

privado não é tido como trabalho, mas uma extensão do ser mulher. E o trabalho fora da esfera privada, desenvolvido pelas mulheres, é sempre mais explorado e de pior remuneração.” (MAFORT, 2017, p.200)

Pontua, ainda, a origem socialista do feminismo e destaca o papel das mulheres na deflagração da Revolução Russa e nos movimentos que a antecederam e nos que a sucederam.

Os caminhos para a transformação da escola: Pedagogia do MST e Pedagogia Socialista Russa é o texto de Roseli Salette Caldart, que indica as raízes da agenda educativa no âmbito do MST e de como o Movimento, ao aproximar-se da Pedagogia Socialista Russa, apropria-se dos Fundamentos da Escola do Trabalho para consolidar uma proposta pedagógica própria, a Pedagogia do MST como expressão mais próxima da Pedagogia Socialista.

Apresenta, no movimento da leitura, a percepção do MST sobre a escola e sobre os dilemas da relação dela com a educação e com o trabalho.

Nesse sentido, afirma a autora que:

O ensino precisa, sim, de planejamento específico, mas como parte de um projeto educativo. Tratar a sala de aula em perspectiva não significa relativizar o trabalho com o conhecimento. Ao contrário, busca tornar o estudo teórico um processo vivo, condição para que contribua para a formação de lutadores e construtores de novas relações sociais. (CALDART, 2017, p. 273).

Estão presentes no texto elementos fortes de uma pedagogia própria, e que reconstrói o espaço educativo, tendo como centralidade o sujeito reconhecido no universo produtivo onde está inserido.

Sobre a tecnologia e a cultura, no contexto da Revolução e sua atualização, o livro apresenta três textos que contribuem não só para a compreensão de como esses temas foram tratados no período revolucionário, mas, sobretudo como repercutem até os dias atuais no cenário brasileiro.

O primeiro texto *O debate sobre a ciência e tecnologia na superação do modo de produção capitalista: lições do processo russo e questões da atualidade*, de Pedro Ivan Christoffoli, preliminarmente indica o estágio tecnológico em que se encontrava a Rússia no período de 1914 a 1945. Aborda a aproximação entre Lenin e as Teorias da Administração Científica, especificamente o Taylorismo. Esclarece como as tecnologias presentes no capitalismo foram importantes para o projeto da Revolução Soviética.

A sobrevivência da Revolução Socialista levou, num primeiro momento, a reafirmar o uso das tecnologias avançadas existentes no capitalismo e a incorporar, nas fábricas e universidades, quadros técnicos e gestores claramente opostos ao regime socialista. (CHRISTOFFOLI, 2017, p.141)

Observa-se, no texto, que a justificativa para o emprego de tecnologias capitalistas ocidentais no momento revolucionário estaria relacionada ao pragmatismo leninista, sob uma perspectiva da neutralidade da tecnologia.

Ilustra essa afirmação a ideia de que “Utiliza-se de uma enxada ou trator, de dinamite ou sementes transgênicas; tudo isso seria neutro. O que vale é a intencionalidade e a apropriação dos resultados de quem usa a tecnologia”. (CHRISTOFFOLI, p 142). Por outro lado, observa-se, pela leitura, que a utilização de tecnologias capitalistas implica

reproduzir as relações de dominação presentes na ideologia desse tipo de tecnologia; e o autor aprofunda neste debate discutindo questões relacionadas aos sistemas sócio-técnicos.

Em relação à cultura revolucionária, a contribuição é de Rafael Litvin Villas Bôas, *Cultura política dos conselhos soviéticos: legado da revolução russa em solo brasileiro e desafios do momento atual*. Além de reafirmar o papel dos soviéticos no processo revolucionário, o autor aproxima as iniciativas revolucionárias russas dos movimentos deflagrados no Brasil, especialmente o contexto vivido pelas Ligas Camponesas desde suas primeiras iniciativas até as interrupções provadas pelo golpe militar de 1964. O autor ainda destaca as influências da cultura revolucionária russa para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a experiência soviética assimilada pelo MST a partir do Coletivo Cultural do movimento desde 2005, chegando o autor a afirmar:

Desde então, o MST passa a tratar de forma mais indissociável a relação entre o fazer artístico e a militância, no sentido e construção de uma cultura política que seja capaz de se contrapor à sociabilidade neoliberal de nosso tempo. (VILLAS BÔAS, 2017, p.304)

Villas Bôas finaliza o texto apresentando os desafios contemporâneos para contraposição à sociabilidade neoliberal.

O terceiro texto na temática da cultura e tecnologia é *A Pedagogia Socialista nos processos revolucionários, organizações políticas e movimentos sociais*, de Roberto Leher. Não se dedica, exclusivamente, à cultura e tecnologia; apresenta em seu terceiro subtítulo (p. 64-73), uma rica análise do que foi o movimento Proletkult⁸ e sua relação conflituosa com o Ministério da Educação russo o NarKomPros.

Além do movimento cultural, o texto de Roberto Leher também é responsável por evidenciar as principais contribuições de Marx e Engels para a educação pública e sua respectiva influência sobre Lenin. O texto é rico, e o autor atrai o leitor ao identificar as barreiras que Lenin deveria transpor para a ascensão do proletário aos postos de decisão política do governo revolucionário; inclusive afirma que “grande maioria da população era analfabeta ou escassamente escolarizada, obstando as condições para o autogoverno proletário.” (LEHER, 2017 p.73).

Ainda no texto de Roberto Leher, é possível observar novamente a aproximação que Lenin é obrigado a fazer para tentar salvar a revolução. Primeiramente o emprego de tecnologias provenientes do capitalismo, como mencionado no texto de Pedro Ivan Christoffoli (p.127-149). Depois, a necessidade de integrar ao processo de formação revolucionário os formadores notoriamente contrários ao projeto, em decorrência das deficiências tecnológicas, culturais e educacionais encontradas por Lenin no período revolucionário russo.

Aprofundando o debate sobre a contribuição de Marx para a Educação, inaugurado por Roberto Leher (p. 55-88), tem-se o texto de Gaudêncio Frigotto, *O legado de Marx para a construção do projeto da Pedagogia Socialista*. Didático, o texto de Gaudêncio Frigotto apresenta, lastreado em vasta e robusta literatura, os fundamentos daquilo que representa o legado de Marx para a Educação Socialista. O texto passa pela contribuição de Eric Hobsbawm, Antônio Cândido, Mário Manacorda, Krupskaya, Florestan Fernandes,

⁸ Cultura Proletária - tradução Livre.

Pistrak, Shulgin, Engels e o próprio Marx, que se faz presente em várias passagens do texto, de forma direta.

Não se trata de um texto que faz alusão à contribuição de Marx para a educação; refere-se a um verdadeiro roteiro de estudos para a compreensão da proposta da Pedagogia Socialista. Indispensável para o aprofundamento da relação Trabalho e Educação, da formação integral e de um projeto contra-hegemônico de educação.

Outro texto da coleção que pode ser apropriado como roteiro para a compreensão dos fundamentos da pedagogia socialista é o de Luiz Carlos de Freitas, *Pedagogia Socialista: devolvendo a voz aos pioneiros da Revolução Russa*, no qual o autor, evidencia os obstáculos vivenciados pela revolução no campo da educação, uma vez que

Os esforços dos anos iniciais da Revolução Russa no campo da educação, em meio à guerra civil, são de grande dificuldade. As escolas estão destruídas, e o volume de crianças abandonadas chega a milhares, nas várias cidades atingidas (FREITAS, 2017, p.237).

O texto provoca o leitor a imergir nas condições materiais nas quais se desenvolve a proposta pedagógica de uma nova ordem, que tem como ponto de chegada uma sociedade sem classes, pautada, inclusive, na ausência de diferenciação entre trabalhadores que pensam e que executam; o distanciamento da educação livresca para o desafio de constituir, no âmbito da escola, não um “programa de estudo, mas um programa de vida” (FREITAS, 2017, p.246).

Apresentando esses fundamentos é que o autor elege a Pedagogia do Movimento Sem Terra como uma materialização da convergência já pontuada por Rafael Litvin Villas Bôas, (p.287-308), de que, na Pedagogia do Movimento, encontra-se a representação da Pedagogia Socialista, como idealizada pelos primeiros teóricos da Revolução Russa, ou pioneiros da revolução, como se refere o próprio autor, no título do texto.

Durante todo o livro, os textos cuidam, com eficiência, da reconstrução do momento histórico da Revolução Socialista e a revelação dos pontos de convergência, seja com o cenário político brasileiro, seja com a proposta pedagógica contemporânea nacional. O texto de Demerval Saviani destaca-se por dedicar-se ao *Panorama histórico do processo de construção da Pedagogia Socialista no Brasil*. Parece óbvio o caminho que o texto vai tomar, mas, com propriedade Demerval Saviani preocupa-se primeiramente, em elucidar o que vem a ser a Pedagogia Socialista, ou seja,

[...] o conjunto de esforços teóricos e práticos de educação dos trabalhadores na direção de transformar radicalmente a sociedade capitalista e construir uma nova ordem social, socialista, hegemônica pelo trabalho. (SAVIANI, 2017, p103).

Após a delimitação conceitual, o autor ingressa na evolução da Pedagogia Socialista no cenário nacional desde 1889, com as ideias de educação influenciadas pelo socialismo utópico, até 2017, com as tentativas de reorganização de redes de escolas públicas da educação básica pela via contra-hegemônica e o advento da pedagogia dos movimentos sociais. (SAVIANI, 2017, p104).

Não se trata apenas de uma descrição histórica das passagens pelas escolas pedagógicas; o texto dedica-se a apresentar ao leitor os desdobramentos das correntes pedagógicas, em consonância com as transformações sociais e políticas que se desencadeiam no Brasil, desde o período pós-abolição até os dias recentes.

Além das contribuições teóricas sobre o legado da Revolução Socialista, sobre a participação dos soviéticos e camponeses no processo revolucionário, os problemas relacionados à educação, cultura e tecnologia enfrentados pelos líderes revolucionários de 1917 e o protagonismo do MST na materialização do projeto da pedagogia socialista no Brasil, pode-se encontrar, no livro, um texto de atualização da situação do trabalho no Brasil, especialmente da precarização do trabalho. Trata-se do texto assinado por Virgínia Fontes, *A subordinação do trabalho ao capital: contradições e desafios*. A autora apresenta os fundamentos para a afirmação de que a precarização está cada vez mais acentuada no cenário brasileiro. O apelo ao “próprio negócio”, e a submissão da classe trabalhadora à ausência do trabalho formal levam a autora a afirmar que

Pode-se falar de uma tendência internacional à precarização das condições laborais, na qual há uma crescente separação entre emprego (contrato de trabalho ao qual se associam direitos) e trabalho, este expressando de maneira mais direta, a subordinação à potência abstrata do capital. (FONTES, 2017, p.156).

As afirmações da autora encontram fundamentos em dados de instituições nacionais e internacionais sobre a empregabilidade em especial relacionadas à última década, informações que não apenas ilustram, mas também se amalgamam à proposta do texto.

É interessante observar o quanto o texto é objetivo em apresentar as contradições relacionadas à empregabilidade suas variáveis e a organização da classe trabalhadora, porque, como se extrai do texto, apesar do crescimento da classe trabalhadora, isso não resulta necessariamente da “homogeneização política, cultural ou social” (FONTES, 2017, p. 164); pelo contrário, intensifica as tensões entre capital e trabalho e aumenta as desigualdades experimentadas pela classe trabalhadora em seu cotidiano.

Como anexo, o livro apresenta a síntese dos debates do Seminário: *A construção histórica da Pedagogia Socialista: legado da Revolução Russa de 1917 e desafios atuais*. Apesar de estar relacionada ao conteúdo apresentado no livro, a síntese ambienta o leitor na temática do Seminário realizado, aborda, de forma objetiva e rápida, os principais eixos tratados no seminário.

O livro é provocativo e apresenta, logo na capa, a ilustração de Lazar Markovich Lissitzky, *Com a cunha vermelha, vença os brancos*, de 1919, ilustração característica do *Proletkult*.

Não é um livro saudosista; é crítico. Conquistas e derrotas da Revolução Socialista são evidenciadas. Trabalho, Educação e Transformação são eixos centrais de basicamente todos os textos.

A leitura do livro *Pedagogia Socialista – Legado da Revolução de 1917 e desafios atuais* não é apenas útil; é também necessária para aqueles que se dedicam à Educação, especialmente no que se refere a contribuir para uma proposta de Educação contra-hegemônica.

REFERÊNCIAS

CALDART, Rolseli Salete. Caminhos para a transformação da escola: pedagogia do MST e Pedagogia Socialista Russa. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 261 – 286.

CARVALHO, Horácio Martins. A Questão Agrária e o Campesinato na Revolução Russa de 1917. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 41 – 54.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. O Debate sobre a ciência e a tecnologia na superação do modo de produção capitalista: lições do processo russo e questões da atualidade. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 127 – 148.

FONTES, Virginia. **A subordinação do Trabalho ao Capital: Contradições e desafios.** *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p.149-170.

FREITAS, Luiz Carlos. A pedagogia socialista: devolvendo a voz aos pioneiros da Educação Russa. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 233-260.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O legado de Marx para a construção do projeto da Pedagogia Socialista. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 207 - 232.

LEHER, Roberto. A Pedagogia Socialista nos Processos Revolucionários, Organizações Políticas e Movimentos Sociais. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 55 – 87.

MAFORT, Kelli Cristine de Oliveira. A construção de novas relações sociais de Gênero no MST e a luta pela Emancipação Humana *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 195 – 206.

MARTINS, Adalberto Floriano Greco. Agricultura Camponesa e agroecologia na construção do modo de produção socialista. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 170 – 194.

MOSCHKOVICH, Diego. Pensamento sobre as Raízes da Cultura Revolucionária Soviética. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p.89 - 102.

POMAR, Valter. A revolução, Cem anos depois. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 13 – 40.

SAVIANI, Demerval. Panorama histórico do Processo de Construção da Pedagogia Socialista no Brasil *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 103 - 126.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. Cultura Política dos Conselhos Soviéticos: legado da revolução russa em solo brasileiro e desafios do momento atual. *In*: CALDART, Roseli Salete e VILLAS BÔAS, Rafael Litvin (orgs.). **Pedagogia Socialista** – Legado da Revolução de 1917 e Desafios Atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 287- 308.

Data da submissão:11/03/2018

Data da aprovação: 01/07/2018